

O ROMANTISMO NAS PÁGINAS DE A FEITICEIRA

Agnaldo Wanderson Santos Rabelo¹

Resumo:

A presente comunicação visa pontuar os diálogos entre Michelet e o Romantismo tendo como base a sua obra *A Feiticeira (1862)*. Considerado um dos mais proeminentes historiadores do século XIX na sociedade francesa, Jules Michelet não foi isento de críticas devido à sua forma de escrever suas obras, dito de outro modo, devido a seu estilo e à sua concepção de história. Conhecido principalmente por obras como: *Histoire de La Revolucion Française* e *Histoire de France*, é na obra que calca essa comunicação que se faz patente a maior parcela dos traços da historiografia micheletiana, dentre elas: seu desejo pela totalidade da história, o estilo literário, a presença de uma história que abrange o material e o espiritual e sua busca pelos silêncios da história.

Palavras-Chave: Jules Michelet – Historiografia Romântica – Movimento Romântico

A Feiticeira: diálogos com o Romantismo.

Em *A Feiticeira* é notória a presença de elementos típicos do Romantismo, a narrativa micheletiana traz em seu bojo características que justifica a alcunha de Michelet enquanto sendo um “historiador romântico”. Apesar de negar esse título, Jules Michelet dialoga constantemente com o Romantismo em suas obras, não sendo elas um mero reflexo, mas sim fruto de um homem consciente de seu tempo e vulnerável a seus movimentos. Esta comunicação endossa os resultados obtidos através da pesquisa: *Discurso e Método no Silêncio da Feiticeira*, que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

O Romantismo é comumente considerado fruto de dois grandes eventos históricos que consolidaram o poder burguês: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Para Falbel, esses dois acontecimentos exerceram influência patente no movimento romântico. As discussões acerca da natureza do Romantismo e sua definição engendram concepções variadas no que se refere à sua conceituação. Para Jacob Guinsburg, o Romantismo não se

resume a uma configuração estilística, uma tendência, um evento sócio-cultural ou uma escola, ele seria uma “forma de pensar que se pensou historicamente”. Nesse contexto, a visão clássica da História foi rompida, situando a partir de então a história enquanto fruto da ação do homem. Segundo Michelle Screinner :

O movimento romântico se distanciaria também da noção clássica oitocentista da História, que passa a submeter à crítica da razão os mandamentos e as vontades divinas, além de entender as instituições e os costumes como produtos das circunstâncias e do contrato entre os homens, isto é, como consequência de uma sociedade de indivíduos dotados de direito natural, mas que ainda compreende a História como resultado dos homens notáveis e dignos de glória, como o filósofo, o sábio, o rei, cuja a razão e ação iluminam e aperfeiçoam os indivíduos de levarem o *progresso* para as instituições.²

Percebe-se que o Romantismo não se limitou apenas ao campo das letras e das artes, influenciou também a História e os que se dedicaram à sua escrita. Apesar desse não ter se limitado ao campo literário, ao nos propormos analisar o diálogo entre o Romantismo e a obra *A Feiticeira*, efetuamos essa abordagem com uma correlação direta com a literatura romântica, evidenciando seus traços e aspectos peculiares ao passo que avançamos no texto. Antes de nos aprofundarmos na presença de elementos do Romantismo em *A Feiticeira*, versaremos inicialmente sobre a estrutura deste livro, mesmo que de forma breve. A presente obra de Michelet está dividida em duas partes, ou para usarmos a terminologia deste historiador, em dois livros. Ainda sobre a estrutura da obra podemos afirmar que o livro primeiro se inicia

com o capítulo: “A Morte dos Deuses” e termina no décimo segundo capítulo: “Desfecho. O amor. A morte. Satã desaparece”. É curioso notar que o Livro Primeiro inicia e termina com a morte. Porém, essa morte está além do âmbito físico, ela simboliza a morte de uma ordem e o nascer de uma era diferente, com deuses distintos e configurações próprias desse “novo” tempo que nasce. Nesta parte da obra, a primeira, é que Michelet apresenta a sociedade, o ambiente, os ritos cotidianos dos medievos. Na construção desse cenário desfilam os “deuses pagãos”, as fadas, os duendes o camponês e sua esposa.³

Logo, no livro um (ou primeiro), Michelet lança mão de uma narrativa que tem em seu bojo as lendas e as fontes ligadas à literatura medieval. Michelet ao analisar a origem da feiticeira cria um cenário que tem como personagem principal a *camponesa*. Essa personagem

é fictícia, sua saga serve como fio condutor para a compreendermos como a mulher alcança o “estado de feiticeira”.

No livro segundo, destacam-se os documentos que Michelet nomeia de *oficiais*. São eles: os manuais dos inquisidores, interrogatórios dos réus nos processos inquisitoriais e textos eclesiásticos. “ A mudança é notória tanto nos documentos que endossam a narrativa da obra como nos sujeitos e personagens desta parte do livro⁴”. Ao longo de *A Feiticeira* o limite entre Literatura e História se torna cada vez mais tênue. Ao lançarmos nosso olhar sobre suas páginas podemos verificar o quão patente é a presença de elementos que são oriundos do Romantismo. Nas folhas desta obra de Michelet salta aos olhos, por exemplo, características como: o medievalismo, a crítica social, o nacionalismo e a bandeira da revolução. Para Michelet, a feiticeira se opõe à Igreja Católica, representa o povo, compreende suas angústias, enquanto a Igreja está longe dele, o oprime e o obriga a abandonar seus antigos costumes e ritos, o que para Michelet é um dos pontos determinantes para semear na camada popular dos medievos o sentimento de desesperança e fúria.

No tocante à *revolução*, Hobsbawm salienta a importância desta flâmula nas obras dos historiadores românticos e do medievalismo, salienta que na França o olhar não estava voltado essencialmente para a hierarquia feudal

mas sim sobre o povo, eternamente sofredor, turbulento e criativo: a nação francesa sempre reafirmando sua identidade e sua missão. Jules Michelet, poeta e historiador, foi o maior destes medievalistas democrático-revolucionários⁵

A despeito de Michelet ter afirmado que o Romantismo o esquecera, sua assertiva é desmantelada quando lemos suas obras, com destaque para *A Feiticeira*, se hoje o situamos na historiografia romântica do século XIX, não o fazemos (ou não o devemos fazer) por crer que Michelet não apresentava solidez em suas produções, mas sim, por evidenciarmos em suas obras traços legados pelo movimento romântico. Traços esses presentes não apenas na obra micheletiana, mas nos demais historiadores de seu tempo.

No início do livro primeiro de *A Feiticeira* podemos pontuar outra característica dos românticos em seus escritos, a saber, o retorno da unidade entre o homem e a natureza. A Idade Média representaria assim o período ideal para se pensar essa harmonia, uma vez que

mesmo com os avanços engendrados pela Revolução Industrial a miséria era cada vez mais crescente entre o povo. Mas a pergunta persiste: por que a Idade Média? Hobsbawm nos diz que

A estável ordem social da idade feudal, o lento produto orgânico das eras, colorido de heráldica, envolto pelos sombrios mistérios das florestas de contos de fada e coberto pelo dossel do inquestionável céu cristão era o evidente paraíso perdido dos oponentes conservadores da sociedade burguesa, cujo gosto pela devoção, a lealdade um mínimo de cultura entre os mais modestos a Revolução Francesa tinha simplesmente aguçado⁶

Na concepção de Hobsbawm o medievo se consolidou como ponto substancialmente importante para os historiadores da historiografia romântica, com destaque para o “poeta e historiador” Jules Michelet.

Na França, foi muito mais importante, pois ali sua ênfase não era colocada sobre a hierarquia feudal e a ordem católica, mas sim sobre o povo, eternamente sofredor, turbulento e criativo: a nação francesa sempre reafirmando sua identidade e sua missão. Jules Michelet, poeta e historiador, foi o maior destes medievalistas democrático-revolucionários

A crítica social está presente em todo o livro *A Feiticeira*. Na primeira parte desta obra a crítica se concentra no estado incerto dos medievos. Para Michelet

A incerteza da condição, o declive horrivelmente escorregadio pelo qual o homem livre se torna *vassalo*, o vassalo *servidor* e o servidor *servo* é o terror da Idade Média e a base de sua desesperança. Não há como escapar. Pois quem dá um passo está perdido⁷

Na ótica micheletiana, essa incerteza no que concerne a condição do camponês e da camponesa do medievo se caracteriza como uma das razões que levaram a mulher a se entregar ao Diabo. Ou seja, a mulher não nascia bruxa e nem se *tornava* feiticeira devido à sua natureza, como proferiam os clérigos, ela “aceitava” o matrimônio com o Diabo graças a seu contexto e os problemas inerentes a ele, com um destaque para os problemas de ordem social, econômica e religiosa. No que diz respeito ao âmbito econômico, salienta-se que essa é uma crítica que se repete na bibliografia de Jules Michelet, que de forma recorrente procura mostrar a pobreza do povo e sua indignação com a alta sociedade.

A crítica de Michelet direcionada à Igreja é assaz contundente. Michelet defende do primeiro ao último capítulo a idéia de que da “desesperança profunda, gerada pelo mundo da Igreja⁸” nasce a feiticeira. Sondemos mais essa tese que norteia o presente livro de Michelet com base na seguinte citação deste historiador:

Essa mulher toda inocente tem contudo, já o dissemos, um segredo que nunca conta na **igreja**. Encerra em seu coração a lembrança, a compaixão dos pobres deuses antigos reduzidos à condição de espíritos. Por serem espíritos, não pensem que estão isentos de aflições. Morando nas pedras, no coração dos carvalhos, sofrem muito no inverno. Gostam demais do calor. Espreita as casas. Já foram vistos nos estábulos, aquecendo-se junto dos animais. Não tendo mais incenso [...] às vezes tomam leite. **Econômica**, a dona-de-casa não priva o marido, mas reduz sua parte e, à noite, deixa-lhes um pouco de creme.⁹ [*grifos meus*]

Nesta citação podemos perceber o olhar que Michelet direciona para os detalhes e a sua crítica à Igreja. A narrativa micheletiana neste momento do livro segue um fio-ficcional adotado pelo historiador intencionalmente. Podemos inferir que parte dessa atitude é movida a fim de melhor situar os leitores no que se refere ao cotidiano da mulher antes de se tornar e ter sido transformada pelos discursos à época e posteriormente em feiticeira. Além da crítica à Igreja Católica, que nesta citação não está tão evidente quanto em determinados capítulos da obra, fato que se dá por ser um recorte menor, Michelet traz também aspectos ligados à economia e aos costumes e ritos cotidianos. Ainda que esse trecho esteja inserido na narrativa ficcional, faz se presente um traço típico da historiografia micheletiana, a saber, uma abordagem que visa à totalidade sem desconsiderar os detalhes. A crítica à Igreja fica mais evidente conforme o leitor avança na leitura de *A Feiticeira*.

Santo Deus! Se ficam sabendo disso! Seu marido é homem prudente, tem muito **medo da Igreja**. Certamente a surraria. O padre trava uma guerra inclemente contra eles e os expulsa de todo o canto. Bem que podiam deixar que morassem nos carvalhos. Que mal fazem na floresta? Mas não, de concílio em concílio, perseguem-nos. Em certos dias, o padre chega a ir até o carvalho, e pela prece, a água benta, expulsa os espíritos.¹⁰

As citações trazidas à tona revelam além de aspectos já citados anteriormente próprios do Romantismo, revelam também outros elementos típicos do movimento romântico presente na narrativa de Jules Michelet, como, por exemplo, o nativismo, atestado nessa harmonia entre o homem, a natureza e seus seres, o sentimentalismo. Nesse fio ficcional de *A*

Feiticeira, Michelet apresenta a mulher envolta dos ideais românticos, os adornos de sua narrativa é mais que reflexo do Romantismo nesta obra de Michelet, é sobretudo, fruto de um diálogo entre o historiador Jules Michelet e o amplo movimento romântico, diálogo negado por Michelet, mas incontestavelmente presente nas páginas de *A Feiticeira*.

Considerações Finais

Jules Michelet, que fora por vezes tentado a se tornar escritor e por admitir que o ritmo oratório o perseguia fazendo com que ele se sentisse um poeta abortado, parece envidar na escrita de *A Feiticeira* todo um esforço para dá vida a esse sentimento, e superar essa “frustração”. Contudo, seria imprudente afirmar que o gênio amante das letras em Michelet fora despertado somente na escrita deste livro. As críticas direcionadas a este historiador são diversas, tocando em questões referentes ao seu método, a sua concepção de história, a seu estilo e no que diz respeito à legitimidade de suas obras enquanto produção historiográfica. Tais críticas desconsideram amiúde um fator preponderante na história e na historiografia de Michelet: seu tempo. Ao analisarmos o diálogo entre Michelet e o Romantismo, presente em *A Feiticeira*, objetivamos assim apresentar de forma sucinta, como este tempo está em Michelet e como este está no seu tempo. Apesar de tudo o que Jules Michelet trouxe de revelação e revolução, ele é tão filho do século XIX quanto é filho de Clio. Enquanto trilharmos na historiografia micheletiana com desconsiderando seu século e suas influências, o trilharemos como o apóstolo Paulo à caminho de Damasco: com escamas nos olhos.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Email: agrhabelo@gmail.com.

² SCREINNER, Michelle. **Jules Michelet e o romantismo político na história: um estudo sobre o conceito de “povo” na historiografia francesa da primeira metade do século XIX**. 2001. p.10. Dissertação (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. Campinas, 2001.

³ RABELO, Agnaldo Wanderson Santos. **Michelet, Desesperança e Fúria na Idade Média: Nasce a Feiticeira**. Trabalho apresentado no I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS INQUISITORIAIS: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA, 2011, Salvador.

⁴ RABELO, Agnaldo Wanderson Santos. **Michelet, Desesperança e Fúria na Idade Média: Nasce a Feiticeira**. Trabalho apresentado no I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS INQUISITORIAIS: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA, 2011, Salvador.

⁵ HOBBSAWM, E.J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.287

⁶ HOBBSAWM, E.J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.286

⁷ MICHELET, Jules. *A Feiticeira*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p.57

⁸ MICHELET, Jules. A Feiticeira. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p.33

⁹ MICHELET, Jules. A Feiticeira. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 63

¹⁰ MICHELET, Jules. A Feiticeira. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 63